



Primeiros Poemas

I

O telefone me fita nele está o segredo seguro meu
pulso com força a fortaleza está no medo o telefone
toca alguém com uma história de um sonho, um
susto, um desejo

II

Quando saio de um sonho ando aos solavancos
caminho como quem tomba a reta se faz sinuosa
tantos degraus nesta escada tanta vida que passa em
vão olho, não vejo mais nada fluído como bolha de
sabão

III

Sinto falta da alegria da poesia e do banho de água fria
hoje a tarde está calada pondo em risco a sorte de
quem vive na calçada sinto falta do calor da fruta e do
sabor

IV

O sol sobre a torre descia quente e claro, quando um homem estendeu a manta no chão para praticar ioga, um sol lindo desses no frio jamais perderia meu tempo vou ficar aproveitando esse mergulho no calor, deixar as moças passarem com os cachorros, os mendigos dormirem nos bancos depois da noite fria vou ficar com as pernas espichadas e óculos sujos nas lentes me queimando porque fazer nada é a melhor coisa a se fazer sob o sol...

V

Quais foram as sensações que eu senti quando eu a vi se aproximar da esquina do bar quando sua mãe a deixou, Nossa, nossa Ela estava toda de preto o cabelo ruivo solto, eu não acredito que vou pegar uma mulher dessas, inacreditável, o que eu fiz pra merecer essa beleza toda Não sabia se sorria, arredava a cadeira, pedia o espumante, levava ela para dentro ou ficávamos na rua, mas ela sentou na minha frente tomou um gole do meu copo de cerveja E acendeu um cigarro.

VI

O que eu quero falar é que tem um grande poema dentro de mim, eu sinto a sua textura, os sons, e toda vez que penso nele penso que preciso de uma cadeira confortável, uma janela com vistas para a cidade E o sol entrando por tudo, o silencio nem é muito importante porque ele também gosta de barulhos, acho que esse poema é boemia e merece um bom whisky.

VII

Debruçado a janela em uma manhã qualquer Troquei
o café pelo cigarro e fui pegar o sol no rosto As cinzas
corriam próximas ao muro Estrelas cadentes
brilhavam na descida Em despedida a fumaça cinza
azul que subia No alto o prédio vizinho se
movimentava Nas campainhas, nos celulares Nos
pedidos de encomenda, nas extensões de roupa no
varal Estava quente o sol como deus e eu agradecia O
vermelho do cigarro A paz que morrer aos poucos ali
me tornava mestre Pouca importa a bagunça do
quarto para a visita da noite Lento e calmo - as
formigas caminhavam subindo pesadas o muro escuro
mal rebocado Não há pássaros, nem lagartixas
Concreto e gente convivem barulhentas e sem
questionar o seu mistério No abrir de portas e janelas
Meu encontro divino com o sol é interrompido pela
moça do terceiro andar Que me espia sacudindo uma
toalha de banho vermelho Há tempos percebo seus
cabelos úmidos pentearem-se na persiana semi-
aberta

VIII

Os aliados de

Deus

Cuidam de mim

Sempre

Que o

Senhor

Adormece

Escondido

Entre nuvens

E imperdoavelmente

Esquece-me

Logo eu

Tão sua

Tão humana

Tão putamente

Santa

IX

Você

É o macho

Mais alfa

Que eu conheço

Autor dos beijos

Mais excitantes

Com arrepios quentes

Leite morno

Para matar a sede

Enquanto

Seu amor

Se escreve em poesia

No meu corpo

Todo

X

Basta

Boiar

Aonde bebe beijos

Brisa boa

Boca doce

Mil brindes ao milagre

Bênçãos bem aquecidas em fogo fácil

Bêbada de felicidade

Baita Amor

Barulhento

XI

De seu sorriso são expelidos baldes de água fria fruto
de suas lágrimas represadas

XII

Quando aprendi a me respeitar Passaram a me
respeitar também. Não foram as pessoas que
mudaram, Fui eu A recusa do seu próprio valor É
deixar de existir.

XIII

As flores

Por fim das contas

Além de perfumes

Representam amores

XV

Eu abracei a primavera

E a Vênus nasceu

A beleza da pérola me fascina

Delicadeza, aromas e cores.

XVI

O tempo é meu

Aprendi a ressignificar

O passado já não atormenta

Hoje, sou reflexo das minhas ações

Para o relógio quebrado não interessa as horas, Fênix.

XVII

Momento em que a raiva escurece a alma,
Ela só queria uma boneca, uma saia de florzinha
amarela,
Perdeu a infância sem dó nem piedade,
Os sonhos dela? Que sonhos?
Quem vai pentear seu cabelo e contar historinhas?
Quando somos crianças queremos amor, não dor!

XVIII

Silêncio..

XIX

O eco surgiu da carta que joguei
Gritei te amo,
Mas naquela tarde chorei Por amor, pela perda,
A mente escureceu,
Pedi ao menino que fechasse o poço,
Ninguém mais irá me ouvir.

XX

Meu corpo tem sede do seu,
De todo amor que tenho meu querido,
Na inquietude
Me sinto escrava do seu desejo,
Olho a flor, ela está murchando.

XXI

Na terra cresceu o trevo de quatro folhas,
Coloquei no livro dos Lusíadas na página 60,
Ele secou e fiz um amuleto,
Agora nasceu o de cinco folhas,
Não menos raro apareceu um de seis,
Busco um significado.

XXII E mesmo que eu suba a montanha mais alta, e
possa contemplar o mundo lá de cima
Chegar perto das nuvens, e sentir o ar encher meus
pulmões
A vida seguirá seu fluxo, e nada terá mudado além de
mim
A vida é agora, o instante do hoje
A lembrança do ontem e a esperança do amanhã
O tempo não para por que eu cheguei no ponto mais
alto - A vida sempre seguirá seu fluxo

XXIII

A voz do Rafael é um lagarto, deixa-se levar pelas marés da estrada. O olho tamboreia, de um lado a outro das margens de areia. Cada instantâneo que pisca, tempestade nas luzes do céu, imprimi ritmo às corridas, buracos e pedras se organizam, pra desviar das patinhas, que tocam embaixo ou em cima, a voz vai papando a sina. O destino do pequeno, engrossa o papo amarelo, vai soltando-lhe o cabelo, antes que a praia desbote. A voz esconde um rebote do horizonte ao por do sol, sem curvas de companhia, só troncos e copas airosas. Manda um recado quase urgente, acompanhem ou saiam da frente, os ecos aproximam as montanhas.

XXIV

A voz do Rafael é um macaco, sobe, sobe, sobe alternando as linhas, de forma semibreve, com quedas mínimas. O rabo é uma clave, espalhando céu pelo caminho, das aves. O sol começa lá, onde a natureza esconde suas promessas. Fuzarqueiro do violão, agrega animais em volta do lago, e vai rebrandando as cordas, ao largo, enrolando e desenrolando amizade, que não é obra do acaso, é da voz do Rafael, que refresca o temperamento da cidade. Solista da boca seca masca o abacaxi sem palavras, sem batatas que se colocaria na mesa, sem mamão, que a história liberta a língua. Se pula, o sábado estremece. Ondula. Quebrando a pausa.

XXV

A voz do Rafael é um sapato, um não, quatro, empilhando espanto no closet do vocabulário. Quando um fala tudo vira hino, em posição ou indisposição de sentido, a voz do Rafael é marcha rodada, moinho. Ritmo é coisa que as mãos da tarde não abraçam, a menos que alguma coisa falte, pé sobre pé, à beira do grito gigantesco da injustiça. Volta pra estrada, pra rua, pra calçada, pra mercadoria fresca da hora, a temporalidade das formas.

XXVI

O que seriam os encontros inesperados Aqueles que nos fazem crer que tudo estava destinado a acontecer Que nos fazem acreditar que cada linha do nosso destino já estava escrita A loucura do instante inevitável que são esses encontros Ou seriam apenas obras do acaso? Tudo pode ser um milagre ou simples coincidências Eu tenho profundo apreço aos milagres

XXVII

A deusa da beleza terna forma
Emergiu das águas mais profundas
Nascida da espuma mar afora
Com aura poderosa que circunda.
A mão desliza ao seio esculpido
Cabelos cor do sol nos ombros caem
Entorno ao seu ventre fios caídos
Com anjos adorados pelos ares.
A deusa do amor tão feminina
O corpo cor de pérola dourada
Exposto imaginário que fascina
Por homens ela era desejada.
Amantes ela teve sem piedade
Sorriso sedutor com doce fala
A todos desejou com divindade
Ó Vênus, deusa grega que estala.

XXVIII

Se eu tivesse mais uma hora
Ai que saudades de outrora
Queria beijar-te outra vez,
Abraçaria o infinito
O céu, o mar e num grito
Quem sabe encontrar-te talvez.

Se eu tivesse mais uma hora
Nos versos da vida sonora
Traria a luz do poente,
Um desejo insaciável
Brilho de mulher instável
Se faz no meu corpo ardente.
Se eu tivesse mais uma hora
A dor que em meu peito vigora
Diria não quero viver,
Loucuras de amor eu faria
E digo te satisfaria Escravo do meu prazer.

Se eu tivesse mais uma hora
Eu sofro ausência que aflora
Seria coberto de beijos,
Com alma plena me exponho
Objeto de amor nos meus sonhos
Aprisionado em meus lampejos.
Se eu tivesse mais uma hora
Não pensaria no agora
Cobriria do mais doce mel
A força é minha fraqueza,
Se não me amares, tristeza
Sentirás de perto o meu fel.

